UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRENDA RAYSSA DA SILVA LIMA

ESTILOS PARENTAIS E CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CAMPINA GRANDE – PB
2023

BRENDA RAYSSA DA SILVA LIMA

ESTILOS PARENTAIS E CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito para o título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. A Dra. Regina Lígia Wanderlei Azevedo

CAMPINA GRANDE – PB

2023

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza Brasileiro Silva", CCBS - UFCG

L732

Lima, Brenda Rayssa da Silva.

Estilos parentais e crianças com transtornos do neurodesenvolvimento: um relato de experiência / Brenda Rayssa da Silva Lima. – Campina Grande, PB, 2023.

27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e daSaúde.

Referências.
Orientador: Prof. Regina Lígia Wanderlei de Azevedo, Dra.

1. Psicologia. 2. Estilos Parentais. 3. Transtornos do

BSTBS/CCBS/UFC CDU 159.9

Responsabilidade técnica de catalogação:
Jônatas Souza de Abreu, Bibliotecário documentalista, CRB 15-879

BRENDA RAYSSA DA SILVA LIMA

ESTILOS PARENTAIS E CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

APROVADO EM: 07/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Regina Lígia W. de Azevedo

Prof. A Dra. Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

Monilly Ramos Araújo Melo

Examinadora: Prof. A Dra. Monilly Ramos Araújo Melo

gov.br Documento assinado digitalmente
ELAINE CUSTODIO RODRIGUES GUSMAO
Data: 14/06/2023 09:57:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Examinadora: Prof. A Dra. Elaine Custodio Rodrigues Gusmão

AGRADECIMENTOS

Os cinco anos de graduação marcaram mudanças extraordinárias em minha vida. Ciclos e laços que se iniciaram, finalizaram e outros que permaneceram. Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Fabiana e Breno, a quem devo toda a minha gratidão. A educação sempre representou a saída e a esperança mais importante e alcançável em nossas vidas. Meus pais que nunca mediram esforços pela minha educação, lutaram para que eu tivesse sempre o melhor ao meu alcance, fui aluna bolsista do ensino fundamental ao ensino médio, graças a todo esforço e luta deles. Desde o meu nascimento até hoje sonharam comigo este desejo de formação. Obrigada por todo apoio financeiro e afetivo, por lutar comigo, sem o esforço de vocês eu não seria o que sou hoje.

Agradeço aos meus irmãos, Priscylla e Jobson, por serem o meu sustento e pelo apoio em todas as minhas decisões. Pri mesmo em moradas diferentes, sempre se fez muito presente, de ir tirar uma xerox comigo, arrumar livros e trabalhos, ou até mesmo quando me ligava de vídeo em dias que eu estava angustiada, sem precisar nem falar, ela só sentia e se fazia presente. Já Jobson vinha ao meu quarto e passava horas e horas tentando me ajudar, como me ensinando a usar o site da UFCG ou corrigindo meus trabalhos, ele sempre, de forma sutil, me lembrava o porquê essa luta valia tanto a pena e como ela mudou a nossa vida e o nosso modo de ser no mundo. Agradeço por terem sido amparo, amor e morada nos dias difíceis e por serem esperança em dias melhores.

Agradeço ao meu amor, meu noivo, Thelmer. Você foi sem dúvidas a minha fortaleza nestes últimos 6 anos, desde a aprovação do ENEM até a conclusão da graduação. Foi ele quem me incentivou a tentar os processos seletivos, quem pesquisou vagas de estágios extra curriculares, cursos, etc. Nos dias difíceis em que as coisas não davam certo ou não saiam como planejado, você me deu colo e muito amparo, quando nem eu acreditava no meu potencial você me incentivou e até hoje me incentiva a ir muito mais além. Muito obrigada, meu amor, por me fazer sentir uma mulher e profissional extraordinária.

Agradeço as minhas Luluzinhas, Luana e Luciana. Desde o primeiro trabalho da graduação até o último vocês se fizeram presentes. A vida acadêmica costuma ser algo muito solitário e quando eu fui entrar na Universidade ouvi muito sobre não deve confiar nas pessoas, sobre rivalidades entre grupos, entre vários outros comentários de experiências negativas. Mas, com vocês tudo isso se mostrou diferente. A nossa amizade sempre foi muito verdadeira e transparente, nunca houve falta de comunicação, sempre fomos muito companheiras e respeitosas umas com as outras, dividindo cada momento nesta graduação, da angústia de trabalhos e processos seletivos, até as alegrias de conquistar algo que era muito almejado por uma de nós. O meu laço com Luana e Luciana foi algo totalmente do acaso, jamais imaginaria que ele tomaria tais proporções até mesmo fora da Universidade. Muito obrigada meninas por todo companheirismo e amizade e por tornar o ambiente da graduação agradável

e cheio de leveza, fico muito feliz em saber que essa nossa parceria tem se estendido para além do ambiente acadêmico.

Não poderia também deixar de agradecer às demais parcerias construídas na academia com Leonardo, Leticia, Ellen e Adilma, obrigada por toda parceria na graduação. Compartilhamos muitas experiências em trabalhos e estágios, com muitas risadas, parceria e auxílio uns com os outros.

Agradeço ao corpo docente do Campus de Psicologia. Em especial a alguns professores que tive maiores trocas: o professor Edglay Duarte e a professora Maria do Socorro, professores que passaram pouco tempo compondo este corpo docente, mas que realizaram trabalhos exemplares e que tenho muita admiração. Em especial também aos professores Pedro de Oliveira Filho e Roseane de Sá-Serafim, os quais pude ser aluna integrante de seus grupos de estudos e ter um contato mais próximo tanto com a psicologia social como também com a psicologia da saúde. Profissionais competentes a quem respeito e admiro muito. Gratidão por todos os ensinamentos. E por fim, a professora Regina Azevedo por ter topado realizar este trabalho comigo, por ser tão acolhedora e compreensiva, admiro muito a professora, mulher, mãe e filha que a senhora é, um exemplo de esforço e força para todos ao seu redor.

Agradeço também a Psicóloga Sofia Osório e a Psicopedagoga e futura Psicóloga Emanuela Oliveira por todos os ensinamentos. Muito obrigada por ter me auxiliado nesta fase tão difícil da graduação que é a escolha de preferências e nos futuros caminhos a seguir. Agradeço por terem me mostrado uma psicologia muito mais ampla do que a que a graduação nos apresenta. Com vocês aprendi muito sobre psicologia, desenvolvimento humano, clínica e mais ainda sobre a vida no mercado de trabalho. Muito obrigada por terem me ensinado com muito zelo, acolhimento e ética. Além disso, agradeço a Manu Alves e Camila Gonçalves, por terem sido pessoas impares na composição desta experiências, a quem estabeleci ótimas relações de trabalho, com muitas trocas, compartilhamento e respeito.

Agradeço aos meus amigos Bia, Belle, Dani, Mires, Vi, Pietro, Pedro e Arthur, os que ouviram muito das minhas histórias durante a graduação e puderam ser distração e esperança nos dias difíceis. Sou muito grata por todas as vezes que vocês vibraram e se alegraram com as minhas conquistas e pelas vezes em que foram muito acolhimento e zelo nos dias difíceis.

Por fim, agradeço a banca avaliadora deste trabalho, a professora Monilly Ramos e a professora Elaine Gusmão.

RESUMO

O presente estudo trata-se de um relato de experiência em que objetiva compreender a influência que as práticas/Estilos Parentais tiveram no tratamento de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento e como elas influenciaram na progressão ou regressão desse quadro clínico, por fim, concluir como a sua relação estabelecida entre estes pode ou não influenciar na promoção e prevenção nos cuidados da saúde mental dos pacientes supracitados. Visto que essas práticas se tornam primordiais para compreensão dos efeitos que as relações parentais podem causar na vida dos infantes. Elas dizem respeito às formas como os pais conduzem as ações educativas, técnicas e metodológicas para a socialização dos filhos e que interferem no fluxo progressivo do seu desenvolvimento. Estes dividem-se em negligente, autoritativo (ou participativo) e permissivo. Foi realizado um estudo do tipo Relato de Experiência, em que ocorreu no período de março a novembro de 2022, em uma instituição no estado da Paraíba, com uma carga horária de 20 horas semanais, acompanhando cerca de 18 pacientes em atendimentos semanais, havendo uma variação no número de pacientes atendidos, podendo ir de 10 a 18 acompanhamentos realizados durante a semana. Apesar de dados e pesquisas atuais demonstram algumas mudanças emergentes nestes papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero, o relato das mães demonstravam que elas seriam as responsáveis pela formação moral, educacional, social e afetiva da criança e os pais, na maioria das famílias, vinham aparecendo apenas como provedores financeiros que exerciam este papéis de cobranças com os filhos. Quando um pai ocupa o lugar deste estilo parental mais autoritário e menos participativo consequentemente irá influenciar no desenvolvimento psíquico e socioafetivo da criança. Do mesmo modo como quando ocupa um lugar, seja pai ou mãe, mais permissivo, a criança acaba sendo negligenciada e adquirindo prejuízos em seu desenvolvimento. Todavia, é evidenciada a necessidade em que haja equilíbrio e divisão das responsabilidades e que haja participação igualitária dos gêneros na vida do filho.

Palavras-chave: Psicologia; Estilos Parentais; Transtornos do Neurodesenvolvimento;

ABSTRACT

The present study is an experience report in which it aims to understand the influence that Parenting practices/Styles had in the treatment of children with neurodevelopmental disorders and how they influenced the progression or regression of this clinical condition. finally, to conclude how the relationship established between them may or may not influence the promotion and prevention of mental health care for the aforementioned patients. Since these practices become essential for understanding the effects that parental relationships can cause in the lives of infants. They concern the ways in which parents conduct educational, technical and methodological actions for the socialization of their children and that interfere in the progressive flow of their development. These are divided into negligent, authoritative (or participative) and permissive. An Experience Report type study was carried out, which took place from March to November 2022, in an institution in the state of Paraíba, with a workload of 20 hours per week, accompanying approximately 18 patients in weekly appointments, with a variation in the number of patients attended, ranging from 10 to 18 follow-ups performed during the week. Despite current data and research demonstrating some emerging changes in these roles traditionally attributed to gender, the mothers' reports showed that they would be responsible for the moral, educational, social and affective upbringing of the child, and that

fathers, in most families, were appearing only as financial providers who exercised this collection role with their children. When a father takes the place of this more authoritarian and less participative parenting style, it will consequently influence the child's psychological and socio-affective development. Just as when they occupy a more permissive place, whether father or mother, the child ends up being neglected and acquiring losses in their development. However, the need for balance and division of responsibilities and equal participation of genders in the child's life is evident.

Keywords: Psychology; Parenting Styles; Neurodevelopmental Disorders;

"Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo."
- Paulo Freire

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **11**
2 MÉTODO **13**
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **14**
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO **20**
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS **26**
6 REFERÊNCIAS **27**

1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado é fruto de uma experiência em um estágio extracurricular, com ênfase na Psicologia Clínica. Na Lei nº 11.788 (2008) o estágio é compreendido como "um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante". Dessa forma, o estágio extracurricular se configura, perante a lei, como uma atividade opcional e que agrega a carga horária regular e obrigatória do currículo.

Neste sentido, a experiência extracurricular é um campo muito potente para obtenção de habilidades e competências aos estudantes, além de fornecer outros contatos com a prática fora da academia. Somado a isto, o estágio na Clínica para o futuro profissional da psicologia se torna de fundamental importância, visto que é um dos campos de trabalho mais clássicos para a atuação e o mais reconhecido socialmente, oferecendo, assim, a oportunidade do estudante conhecer de forma mais prática como é o trabalho em uma abordagem e público alvo específicos.

A experiência aqui descrita aconteceu durante o 7°, 8° e 9° período do curso de psicologia no ano de 2022, em uma clínica de atendimento multidisciplinar em saúde mental do Estado da Paraíba, o qual não será revelado, para fins de resguardar o sigilo e segurança do Instituto. Este serviço atua no estado a mais de 10 anos, dispõe de salas para atendimentos individuais e em grupo, além disso, é um espaço para a atuação de estudantes e profissionais da saúde, o qual fornece atendimentos a um público distinto, sendo este, pessoas de baixa renda que estão na fase da infância e adolescência e possuem hipótese diagnóstica de algum Transtorno do Neurodesenvolvimento. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V-TR) os Transtornos do Neurodesenvolvimento são definidos como:

> Os transtornos do neurodesenvolvimento são um grupo de condições com início no período do desenvolvimento. Os transtornos tipicamente se manifestam cedo no desenvolvimento, em geral antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizados por défi- cits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Os déficits de desenvolvimento variam desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas até prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência.[...] Um transtorno específico da aprendizagem, como o nome implica, é diagnosticado diante de déficits específicos na capacidade individual para perceber ou processar informações com eficiência e precisão. DSM V-TR (APA, 2023)

Tendo em vista esta definição dos transtornos, é necessário acrescentar que o

diagnóstico, seja ele qual for, deve ser visto como um direcionamento para o profissional e não como uma definição que delimite e/ou rotule a vida do sujeito. Logo, aborda-se que o trabalho do terapeuta com este público alvo deve ter como um dos pilares o trabalho em aspectos da estimulação cognitiva, para que este possa, a partir do aperfeiçoamento no desenvolvimento cognitivo obter melhoras significativas. Contudo, é necessário pensar também no aspecto social do sujeito e em suas habilidades básicas para estabelecer relações com o público, afinal, como já supracitado, são transtornos que interferem no comportamento social e pessoal. Posto isso, o melhor direcionamento para prognóstico seria composto por um trabalho assistencial que envolva a tríade: terapeuta, paciente e família (CARDOSO, FAGUNDES, AMARAL & FORMIGA, 2014).

A prática demonstra que o trabalho em conjunto entre a tríade, há sobretudo um evidente avanço nos quadros clínicos dos pacientes, principalmente nos aspectos emocionais e comportamentais. Entretanto, quando uma dessas partes, a exemplo da família, não fornece a devida assistência cumprindo as orientações do terapeuta, pode ocasionar uma quebra no plano de conduta do paciente. Em consequência de ações como está, pesquisas apontam que mães de crianças portadoras de transtornos passam por grandes quadros de estresse e sobrecarga assistencial e emocional, resultante de uma ausência da figura paterna, do mesmo modo, outras pesquisas evidenciam que a privação desta figura pode apresentar problemas maiores no desenvolvimento e no comportamento, neste sentido, o quadro clínico da criança pode não progredir em seus objetivos (CIA, 2005).

Assim, as Práticas/ Estilos Parentais se tornam primordiais para compreensão dos efeitos que as relações parentais podem causar na vida dos infantes. Elas dizem respeito às formas como os pais conduzem as ações educativas, técnicas e metodológicas para a socialização dos filhos e que interferem no fluxo progressivo do seu desenvolvimento. Divididas em negligente, autoritativo (ou participativo) e permissivo, as práticas influenciam diretamente na forma como se dará o desenvolvimento cognitivo, social e emocional do sujeito. Maldonado (1986) ressalta em seus escritos clássico os efeitos das relações parentais na vida dos infantes, mencionando o resultado destas relações quando, na relação parental, os pais dão maior ou menor abertura para a construção do desenvolvimento da criança, com maior ou menor autonomia e/ou dependência, além de mencionar também os efeitos dessa relação na construção do emocional. Desse modo, a autora vai de encontro a visualização dos efeitos e práticas dos estilos parentais na vida dos sujeitos, utilizando-se de características que

destrincham e exemplificam a atuação destas categorias.

Portanto, este trabalho tem por finalidade descrever a presente experiência relacionando-a aos conceitos e teorias aprendidas durante a graduação e fornecer uma visão humanizada, clínica e política da vivência. Além disso, objetiva compreender a influência que as práticas/Estilos Parentais tiveram no tratamento de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento e como elas influenciaram na progressão ou regressão desse quadro clínico, por fim, concluir como a sua relação estabelecida entre estes pode ou não influenciar na promoção e prevenção nos cuidados da saúde mental dos pacientes supracitados.

2 MÉTODO

O método selecionado para a concretização deste estudo foi o Relato de Experiência. Este, é compreendido como um "tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional, cuja característica principal é a descrição da intervenção" (MUSSI, 2021). Esta metodologia possibilita uma associação entre a prática e teoria, pois deve ser composto por um embasamento científico e uma reflexão crítica.

Neste sentido, a devida experiência foi realizada em uma clínica de atendimento multidisciplinar de saúde mental localizado no Estado da Paraíba, o qual irá ser referido apenas como Instituto para que seja resguardado o sigilo ético do estudo. O devido espaço fornecia atendimentos em psicologia, psicopedagogia e auriculoterapia para em média, 120 pacientes, com idades de 4 à 14 anos de idade, alunos de escolas públicas municipais. Os atendimentos eram realizados semanalmente, com um tempo estimado de 30 minutos por terapia. A organização de tais atendimentos, era realizada a partir da divisão de idades e dias da semana, ou seja, na segunda- feira eram atendidos os pacientes de 4 a 6 anos, na terça-feira os pacientes de 7 a 9 anos, na quarta-feira de 10 a 11 anos, na quinta-feira de 12 a 14 anos e, na sexta-feira eram realizadas anamneses e triagens. Entretanto, no decorrer dos meses, devido à alta demanda, a sexta-feira passou a ser considerado um dia para acolhimento de novos pacientes que buscavam o serviço. Além disso, houveram supervisões semestrais dos casos, a cada 3 meses, assim como os devidos encontros de devoluções com os pais para acompanhamento dos avanços dos pacientes.

O período de vivência desta experiência foi de Março a Novembro de 2022, com uma carga horária de 20 horas semanais. A devida relatante atuou como profissional da psicologia no campo e acompanhou cerca de 18 pacientes em atendimentos semanais, havendo uma

variação no número de pacientes atendidos, podendo ir de 10 a 18 acompanhamentos realizados durante a semana. Estes pacientes acompanhados tiveram de doze a vinte sessões realizadas, de modo individual ou em dupla. Os casos atendidos possuíam hipóteses diagnósticas de Transtorno de Déficit de Atenção/hiperatividade, Transtornos Relacionados a Trauma e a Estressores, Transtornos de Ansiedade, Deficiência Intelectual, Transtornos Específicos da Linguagem e do Desenvolvimento, Espectro da Esquizofrenia e Outros Transtornos Psicóticos, Transtorno Específico da Aprendizagem e Transtorno de Humor. Tais hipóteses seguiam as devidas características e sintomas descritos e formulados pela classificação internacional de doenças (CID-10) e pelo O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V - TR).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Psicologia Clínica é uma prática emergente na contemporaneidade. A atuação na clínica iniciou a partir de um modelo tradicional e clássico. Historicamente, evidencia-se que os pacientes procuravam os profissionais da psicologia partindo de uma visão apenas psicopatológica, de forma que, haviam identificações com psicodiagnósticos e a busca pelo profissional reduzia-se a uma procura por solução com rapidez e eficácia, comparando ao uso de uma medicação. Buscava-se a cura desta patologia com algo que diminuísse o sofrimento. Neste modelo tradicional tinha-se uma psicologia clínica com uma visão biologicista equiparada à prática da medicina. (DUTRA, 2004)

Todavia, têm se buscado desconstruir este modelo tradicional/ clássico de procura. O profissional da psicologia começou a ser inserido em diversos campos de trabalho principalmente nos da saúde pública com o advento do Sistema Único de Saúde. Desse modo, este profissional tem sido colocado a um campo de atualizações em que se deve levar em consideração muitos outros aspectos durante a apresentação da queixa de um sujeito, sendo estes principalmente o contexto socioeconômico, cultural e político em que o paciente está inserido. Neste sentido, Dutra (2004) menciona que nesta direção percebe-se uma nova tendência na Psicologia Clínica, a qual agora centra-se na ênfase de uma concepção de subjetividade resultante de uma construção social e histórica para cada sujeito.

Com isso, percebeu-se que esta nova tendência da Psicologia Clínica trabalhar em conjunto com a Psicologia Social, que amplia a visão de sujeito, além disso, permite-se não delimitar a atuação apenas com diretrizes de uma Abordagem Psicológica específica, mas

compreendendo que há fundamentos essenciais na prática psicológica e na relação paciente e terapeuta que devem ser considerados. Beck (2022) menciona a importância da manutenção da relação entre paciente e terapeuta como essencial desde o primeiro contato e também da manutenção de outras habilidades como o acolhimento, a empatia, a autenticidade, confiança básica e *rapport* na relação. Além disso, a autora afirma que a construção desta relação de forma positiva resulta em melhores resultados no tratamento. Todavia, como manutenção dessa relação trabalhou-se neste relato de forma mais diretiva com a Aliança Terapêutica, o Acolhimento, Vinculação e Escuta Qualificada.

A Aliança Terapêutica é considerada um fenômeno complexo influenciada por inúmeros fatores: é compreendida como um construto ateórico diferente da transferência, onde o manejo são dos elementos inconsistentes, ela é o manejo dos elementos conscientes em que há uma colaboração entre paciente e terapeuta (OLIVEIRA & BENETTI, 2015).

Para tanto, Oliveira & Benetti apud Bordin (1979) propõe que esta aliança possui três dimensões essenciais para sua preservação, estas são: o acordo de objetivos, tarefas e desenvolvimento de vínculos entre os pares. A dimensão de objetivos seria o ato de explicar ao paciente quais os objetivos desse serviço ofertado, a partir de uma ação dialogada e verticalizada, traçar os objetivos e metas do atendimento focando no aqui e agora. Já a dimensão das tarefas seria o estabelecimento de metas para a atuação, onde o terapeuta e o sujeito corresponsabilizariam - se e traçariam o que é o papel do terapeuta e do que cabe ao paciente. Por fim, o desenvolvimento do vínculo caracterizava-se pelo andamento do processo em que vai se estabelecendo uma relação de confiança e apego entre os pares.

O acolhimento é outra dimensão essencial a ser considerada na clínica como uma diretriz ética e política no modo de se produzir saúde. Este pode ser entendido como uma tecnologia leve e ferramenta de intervenção que possibilita um melhor efeito na relação entre o paciente e terapeuta. Ou seja, possibilita maior acesso à singularidade do sujeito, não reduzindo a aspectos biológicos, mas também levando em consideração aspectos sociais (SILVA, OLIVEIRA & SERRANO, 2017).

Além destes aspectos teóricos, é necessário considerar também outros recortes como o público-alvo que está sendo atendido e suas características. Cada fase do desenvolvimento é caracterizada por demandas e aspectos específicos. Então, o atendimento a crianças e adolescentes além de ter que ser trabalhado a partir das dimensões básicas supracitadas,

também deve ser contemplado com aspectos que motivam o sujeito e o envolva naquele lugar, sendo necessário se utilizar de recursos lúdicos, divertidos e que tragam conforto à criança. Destarte, os atendimentos podem ser compostos pela utilização de diversas técnicas projetivas, pois são instrumentos de manejo acessível e que podem ser realizadas a partir de recursos auxiliares como jogos e brincadeiras.

Nas últimas décadas há uma nova onda de tentativas de criação de políticas públicas mais específicas para crianças e adolescentes. Isto devido à Lei nº 8.069 (1990), que fundou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com diretrizes que garantem a segurança e a proteção integral destes sujeitos, além de garantir o direito ao acesso à saúde, educação e segurança por parte dos infantes.

Na infância, o conhecimento é variável. Por isso, as possibilidades de formas de aprendizagem são inúmeras, haja vista a singularidade da realidade objetiva de cada sujeito pertencente ao tecido social. Entretanto, as maiores ofertas nos serviços públicos privilegiam a esfera biológica na atenção aos pais e a criança, sem considerar a influência dos fatores psíquicos e sócio afetivos na vida do sujeito (ARRAIS & ARAÚJO, 2016). Mas, é de suma importância considerar o contexto social e familiar no qual o infante está inserido, como parte integrante do processo de análise e de compreensão dessa fase da vida dos pequenos sujeitos. Além disso, oferecer a devida assistência integral aos familiares.

Assim sendo, é de suma importância enfatizar as transformações econômicas, sociais e culturais como consequências nos papéis tradicionais que as figuras de mãe e pai ocupam. O padrão da família tradicional é substituído por novas configurações familiares (CIA, 2005). Nas últimas décadas, a mulher ganhou espaço no campo de trabalho ocupando outros papéis além do tradicional papel de cuidadora do lar. Esse fato ressignifica os lugares culturalmente atribuídos ao gênero acerca do que se espera da figura materna, a quem historicamente se responsabilizou pelo cuidado afetivo, educacional e social da criança. O que se observa é uma crescente tentativa de igualar as responsabilidades e assistências, econômicas, sociais, afetivas com a criança durante o seu desenvolvimento.

Neste sentido, a parentalidade também experimenta mudanças decorrentes dessas modificações. Pesquisas realizadas sobre comportamentos da figura paterna apontam que o pai no geral passa cerca de 20% a 25% do tempo que a mãe passa com o filho, entretanto quando está mãe atua no mercado de trabalho este número passa para de 33% a 65% (TUDGE E COLS,

2000). Ou seja, há um maior interesse e envolvimento com a participação parental na vida e no desenvolvimento da criança. O envolvimento do genitor masculino interfere diretamente no desenvolvimento educacional da criança, tendo em vista os aspectos cognitivos, afetivos e psicossociais.

Entretanto, a ausência da figura paterna ainda é uma vivência em alguns contextos sociais principalmente quando, após o nascimento, o filho não corresponde ao que se foi idealizado ou quando não há o desejo de exercer a paternidade, o que gera outros modelos de ausência para além da afetiva surge a ausência física (CÚRNICO E ARPINI, 2014). Pesquisas apontam que uma a cada quatro a cinco crianças e adolescentes no mundo apresentam algum transtorno mental, além disso, no Brasil este dado representa cerca de 10,2% das crianças e 16,5% dos adolescentes que estão em idade pré-escolar (THIENGO, CAVALCANTI E LOVISI, 2014). O que resulta em uma má conduta no tratamento, assim como no desenvolvimento progressivo ou regressivo da patologia. Igualmente, interfere também no desenvolvimento do trabalho do terapeuta se há uma quebra no andamento da tríade (paciente, família e terapeuta) tornando os resultados mais difíceis de serem alcançados.

Vale salientar que estas pesquisas aqui apontadas foram dados recolhidos de pesquisas com famílias de casais heteronormativos, desse modo os dados apresentados não podem ser considerados e estendidos a famílias homoafetivas.

Apesar destes aspectos, a atuação junto a crianças com transtornos do neurodesenvolvimento também pode partir de uma conduta terapêutica de intervenções voltadas para estimulação e reabilitação cognitiva, tendo o trabalho com o foco no funcionamento das funções executivas, que são: o controle inibitório, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva. Compreende-se que os transtornos e déficits na aprendizagem interferem diretamente no funcionamento favorável das funções cognitivas dos sujeitos e, consequentemente, interferem em seu processo de aprendizagem. Desta forma, sabendo que as funções executivas são um conjunto de habilidades cognitivas que nos auxiliam a aprender, assimilar novos conteúdos assim como planejar novas atividades, a sua boa funcionalidade, assim como das funções cognitivas, tornam-se primordial para o desenvolvimento de habilidades escolares. Além disso, elas correspondem a um conjunto de processos que são responsáveis pela regulamentação das funções cognitivas, comportamentais e emocionais e que objetivam a otimização do desempenho do sujeito, que interfere diretamente nas suas relações sociais (OSÓRIO, 2021).

Todavia, sabendo-se que o sujeito deve ser considerado como singular biopsicossocial, as interferências do seu tecido social alteram o desenrolar do seu desenvolvimento e, nesse sentido, este não deve ser reduzido a uma patologia biológica. Por isso, foi importante também se observar as Práticas/ Estilos Parentais naquele contexto. Define-se que os estilos parentais podem ser classificados tendo como base regras/limites e afetividade presente no contexto das práticas educativas (BROCCHI et al 2020 APUD BAUMIRIN,1996; DARLING E STEINBERG, 1993). Dessa forma, os Estilos Parentais são reconhecidos como:

> " (1) o estilo autoritário é reconhecido quando há um alto nível de exigência, com regras e limites rígidos, mas pouca responsividade; assim, as figuras parentais exigem obediência e controle, no entanto, pouco permitem que as crianças tenham autonomia para fazer escolhas; (2) o estilo permissivo, é caracterizado pela presença de muito afeto, porém baixo nível de exigência, com poucas regras estabelecidas e/ou cumpridas; e (3) o estilo participativo (ou autoritativo), é reconhecido quando há muito limite e muito afeto; de forma equilibrada, existem um alto nível de exigência, mas também de responsividade, os pais conseguem comunicar de forma positiva e clara a necessidade de regras, mas são abertos aos filhos, permitindo o desenvolvimento da autonomia, considerando as opiniões e escolhas destes, deixando-os participar das decisões familiares e se envolvendo efetivamente em questões do interesse deles" (BAUMRIND, 1966; DARLING & STEINBERG, 1993).

Os Estilos Parentais podem atuar de forma entrelaçada. Em um dado momento os pais utilizam-se de um e em outro momento isto pode ser alternado. Eles são importantes para compreender como é fornecida a assistência à criança, assim como a participação dos pais na vida das mesmas.

Em pesquisa realizada no município de João Pessoa-PB com 18 casais que possuíam filhos de 12 a 48 meses foi evidenciado que ainda esse papel socioafetivo é destinado apenas à mãe. Nesta pesquisa os autores perguntaram aos casais a visão que eles possuíam do seu cônjuge acerca da criação dos filhos. Como resultado, encontraram que a maioria das famílias acreditam que a figura paterna é responsável pela autoridade com a criança e a mãe pela afetividade (LINS, 2015). Ou seja, tem-se pais autoritários e mães permissivas, apesar da emergente tentativa na desconfiguração familiar atual, ainda há estereótipos e responsabilidades depositados apenas no gênero feminino. Todavia, há evidentes estudos que comprovam que a maneira menos danosa para a criança e integrantes da família seria a divisão

igualitária desses papéis e que, principalmente, o pai também tomasse partido no envolver emocional com a criança e/ou adolescente.

Em outra pesquisa realizada na mesma cidade com 313 estudantes do município, revelou-se que o envolvimento dos pais tem efeitos significativos no desenvolvimento acadêmico dos filhos. A pesquisa apresenta resultados significativos entre engajamento escolar e relações com a família, na medida que há maior interação entre pais e filhos, as crianças desenvolvem maiores habilidades escolares, assim como nas habilidades socioafetivas. E também os resultados mostraram que o engajamento e envolvimento de pais e mães podem ser positivos e ou negativos, na medida em que devem ser ponderados. Sendo evidente a importância da relação parental com formação de vínculo e afetividade para a promoção do desenvolvimento das crianças e adolescentes (SANTOS, 2014).

Além disso, nesta mesma pesquisa apresenta-se outra sobre o envolvimento paterno e fala sobre a ponderação entre duas dimensões: as exigências e a responsividade. Elas podem ser compreendidas como a ponderação entre controle, monitoramento do comportamento e entre o envolvimento sócio afetivo e de aceitação da criança. Nesta pesquisa os autores ainda relacionam estas dimensões do envolvimento paterno com os estilos parentais possíveis e sua influência no desenvolvimento da criança. Nesta relação eles relatam a evidência de que: pais negligentes costumam ser menos exigentes e menos responsivos; já os autoritários costumam ser mais exigentes e menos responsivos; E os permissivos são menos exigentes e mais responsivos (SANTOS APUD MACCOBY E MARTIN, 1983). Compreende-se, portanto, a importância de crianças e adolescentes estarem inseridas em uma ambiente que permita um equilíbrio entre os níveis de responsividade e exigência para que possam possuir melhores condições para obter um melhor desenvolvimento e engajamento escolar e sócio afetivo. Do mesmo modo aplica-se para crianças portadoras de algum Transtorno do Neurodesenvolvimento. E também identifica-se a diferença de pais que se localizam nos extremos das dimensões dos estilos parentais (ou seja, os permissivos), o desenvolvimento das crianças e adolescentes acabam em um ambiente com mais dificuldades.

Em outra pesquisa realizada em escolas do município de Curitiba - PR com 360 crianças objetivou identificar os estilos parentais a partir do ponto de vista tanto das crianças como no dos pais. Utilizaram-se também das dimensões de responsividade e exigência já supracitadas para construção do instrumento. Na pesquisa foi possível identificar uma média próxima a atuação dos estilos parentais praticados por mães e pais, o que mais se sobressaiu foi o

negligente com 41,2% e depois o autoritativo (permissivo) com 35,3%. No fim concluem que o estudo os estilos parentais são muito importantes para compreender como vêm se dando o processo educativo das crianças e quais serão os futuros resultados dessas metodologias. Ademais ainda apontam que ainda não se há uma concordância acerca de qual estilo é o mais positivo para o desenvolvimento da criança, entretanto já se evidencia melhor resultado com o autoritativo para uma educação saudável e que responde melhor às necessidades de assistenciais, educativas, sociais, afetivas, de auxílio, incentivo, etc. das crianças e/ou adolescentes (WEBER, 2004).

Conclui-se que a devida temática possui grande relevância para compreensão dos modelos e estilos parentais regidos pelas famílias nas últimas décadas. Além disso, evidencia-se como a relação entre as temáticas estilos parentais e desenvolvimento infantil, podem influenciar nos tratamentos de transtornos do neurodesenvolvimento.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A experiência...

Nos dois primeiros meses de estágio foram realizadas avaliações psicológicas com os pacientes a partir de: triagens, entrevistas de anamnese e posteriormente, a construção dos projetos terapêuticos singulares. Estes três procedimentos inicialmente foram realizados junto às supervisoras do instituto, posteriormente, foram realizados em dupla de estagiários e depois sozinhos. A avaliação Psicológica é um processo técnico e científico utilizado por psicólogos, que de acordo com a Cartilha de avaliação psicológica do Conselho Federal de Psicologia, que:

> Define a Avaliação Psicológica como um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas.[...] na realização da Avaliação Psicológica, a(o) psicóloga(o) deve basear sua decisão, obrigatoriamente, em métodos e/ou técnicas e/ou instrumentos psicológicos reconhecidos cientificamente para uso na prática profissional da(o) psicóloga(o) (fontes fundamentais de informação), podendo, a depender do contexto, recorrer a procedimentos e recursos auxiliares (fontes complementares de informação). [..] b) Entrevistas psicológicas, anamnese e/ou; [..] a) Técnicas e instrumentos não psicológicos que possuam respaldo da literatura científica da área e que respeitem o Código de Ética e as garantias da legislação da profissão; (2022)

Neste sentido, no decorrer da experiência compreendeu-se a avaliação psicológica como procedimento indispensável para a atuação no campo da psicologia, utilizando-se das fontes fundamentais e complementares durante todo o estágio. Cumprindo com as devidas diretrizes

da atuação como psicólogo, cada estagiária realizava os registros semanais de seus pacientes. Cada paciente possuía uma pasta, nela continha a anamnese e demais documentos do paciente. Além disso, ao serem acompanhados pelos profissionais cada um tinha a sua ficha de evolução que era preenchida após a realização de cada atendimento, estes documentos eram guardados em um armário na sala de registros e de fácil acesso a todos os profissionais.

Ao iniciar os primeiros atendimentos foi nos direcionado que, apesar de ter uma ficha de anamnese em mãos com características, laudos e queixas sobre os pacientes, era preciso inicialmente se dispor a conhecê-los e identificar se realmente tudo aquilo afirmado na entrevista inicial iria emergir nos atendimentos. Desse modo, ficou a critério de cada estagiário realizar o seu atendimento da maneira em que lhe fosse pertinente, é claro que respaldado de técnica, métodos e instrumentos científicos.

Desse modo, escolheu-se iniciar os atendimentos trabalhando o acolhimento, o vínculo e a aliança terapêutica. Para isso, com crianças é necessário envolver a criatividade com atividades lúdicas possíveis a partir da brincadeira. Foi realizada então a Técnica Projetiva do Desenho, nela, cada paciente foi solicitado que realizasse um desenho contando um pouco de sua história, apresentando a sua casa e a sua família.

As Técnicas projetivas são caracterizadas por serem uma ferramenta de avaliação psicológica que se apresentam a partir de estímulos pouco estruturados, sendo assim, permitem uma ampla variedade de respostas, além de possibilitar um maior foco nos aspectos qualitativos do desempenho e uma maior interação do profissional da psicologia com o paciente (MIGUEL APUD FENSTERSEIFER & WERLANG, 2008). Lopes (2018) discute as principais funções dos métodos projetivos ele ressalta que os métodos “possibilitam ao sujeito, a evocação de informações que mediante determinados processos de defesa não possuem ou não conseguem expressar”, além disso é possível de se trabalhar como fonte secundária de estimulação da expressão do sujeito, seja a partir do brincar ou da construção de desenhos como por exemplo.

O uso desta técnica foi extremamente pertinente para a elaboração das demais noções acerca do paciente. O desenho auto-retrato das crianças aliada a sua descrição relatada traziam aspectos sobre como as crianças se vêem no mundo. Ser portador de um Transtorno do Desenvolvimento e nomear isso carregava um peso de um estigma, consequentemente traz uma exclusão e que, de acordo com algumas descrições, eram iniciadas em casa, por pais, irmãos e mães de forma imperceptível. O estigma é algo avesso ao que a sociedade institui como sendo

normal, ou seja, é encarado como um desvio na sociedade (SILVA, MONTENEGRO & SANTOS, 2011).

Logo, o uso da técnica supracitada, expôs aspectos emocionais importantes e percebeu-se que a queixa primordial da maioria dos pais (problema na aprendizagem), reduzia todos os outros contextos e questões que afetavam os infantes. Desse modo traçou-se planos distintos buscando utilizar de atividades lúdicas com as crianças para que o plano de ação desse conta das queixas dos problemas de aprendizagem e das outras queixas apresentadas pelas crianças.

Foi decidido, juntamente com a preceptora de campo, que as sessões teriam seu tempo dividido em dois momentos, no primeiro seriam trabalhados os déficits dos pacientes em relação ao funcionamento das funções executivas (o controle inibitório, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva), com manuseio de atividades e exercícios que englobam o arcabouço teórico da estimulação cognitiva. Segundo Diamond (2013), a memória de trabalho é crucial para o desenvolvimento de atividades mais complexas, pois ela envolve a capacidade de monitoramento de informações recebidas segundo sua relevância para a execução de uma determinada tarefa, ou seja, ela está ligada a capacidade cerebral em ordenar e organizar informações antigas com as novas, seja relacionando-as entre si ou substituindo-as. Em síntese, seria a capacidade da criança em organizar simultaneamente diversas informações. No que diz respeito ao Controle Inibitório, Osório (2021) define como a habilidade de postergar ou inibir uma resposta baseada na capacidade de avaliar múltiplos fatores. Em outras palavras, Diamond (2013) ressalta que esta função seria caracterizada como a condução e/ou seleção do que será expresso pelo comportamento e pela linguagem, nele há uma regulação da atenção, isto é, haverá uma inibição das distrações internas e externas para se fazer e focar apenas no necessário para o momento. Por fim, a flexibilidade cognitiva apresenta-se como resultado da relação entre o controle inibitório e a memória de trabalho. Ela se relaciona à capacidade do indivíduo de mudar ou alterar seus objetivos quando a estratégia inicial não foi bem-sucedida devido a imprevistos, assim, permite-se que seja possível ao indivíduo ajustar-se às novas demandas de modo flexível (OSÓRIO, 2021).

Neste sentido, foram realizadas inúmeras atividades com foco na estimulação a partir do pareamento de cores, números e formas, aliteração com jogo da memória, mando vocal, pareamento de números com quantidades, associação, atenção, concentração a partir de jogo dos sete erros, pega vareta, entre vários outros recursos. Todavia, este momento inicial das sessões não serão foco da análise deste trabalho apenas o momento posterior a ele.

Em um segundo momento da sessão, a terapeuta estaria aberta a brincar da forma como a criança desejava, podendo escolher algum recurso disponível na sala. Foi quase unânime nas

3 sessões seguintes a escolha das crianças direcionarem-se a brinquedos/ recursos que falavam sobre as emoções ou que abriam margens para isso.

Alguns dos recursos didáticos disponibilizados nas salas eram os livros, estes permitiam ao terapeuta manejar o momento da sessão a partir da Técnica de Contação de Histórias. Esta técnica possibilita o despertar da curiosidade e do imaginário infantil, além de expandir conhecimentos possibilita novas vivências e contato com emoções e situações distintas, além disso, segundo Santos (2018) "a contação de histórias desenvolve a capacidade cognitiva nas estruturações mentais das crianças, fornece elementos para a imaginação, estimula a observação e facilita a expressão de ideias". Foram escolhidos para disponibilizar em sala contos lúdicos que debatiam sobre as emoções, explicando como elas eram e em que momento elas costumam acontecer, assim como histórias de crianças que tinham dilemas familiares e das fases do desenvolvimento.

Neste sentido, na sessão seguinte em que o paciente escolheu um dos livros das emoções a serem lidos, foi proposto como direcionamento que, após a leitura, houvesse a elaboração de um desenho com o título "Eu Tenho Esta Emoção Quando…?" e o paciente representaria seis emoções recorrentes e as situações em que ele se sentia de tal modo. O uso da técnica projetiva junto a análise do que foi construído no desenho das emoções, pode mostrar resultados acerca do ponto de vista dos pacientes sobre como era o funcionamento das famílias, da rotina da família, como ela se percebia naquele devido contexto familiar e como se compreendia como sujeito.

Alguns desenhos trouxeram imediatamente à tona questões paternas. Algumas crianças chegaram a não desenhar as suas figuras paternas mesmo convivendo com eles no mesmo lar, informação essa que foi comparada com as fichas de anamnese que foram respondidas pelos responsáveis. Em outras representações as crianças relataram situações com emoções de raiva, choro e desamparo, quando vivenciavam situações de bullying na escola e ou em casa. Adjetivos como burra, feio, negligente, problemático, invalido, incapaz, doente, entre outros, eram ouvidos cotidianamente e, acabavam sendo externados pelas crianças e adolescentes como verdades. Trapp e Andrade (2017) afirmam em seus escritos a importância da figura paterna como fator decisivo para um melhor desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança e/ou adolescente, além disso a presença do pai abre caminhos para melhor desenvolvimento da aprendizagem e da socialização, neste sentido, quando há ausência e ou abandono paterno surgem prejuízos no desenvolvimento psíquico do sujeito.

Outro recurso que acabou sendo muito utilizado foi o Baralho das Emoções. Este é caracterizado como um instrumento facilitador que possui cartas com desenhos das emoções em meninos e em meninas e também representações de emoções em situações problema. Ele tem por objetivo acessar o modo como o usuário compreende as emoções e/ou as reconhecem há diversos modos de ser utilizado, podendo ser apresentado à criança e ela escolher o modo como tem se sentido, quais situações tem vivido, além disso, nele a criança também poderia descrever a situação em que a emoção descrita no baralho aparecesse, etc.

Neste sentido, as sessões passaram-se por muito tempo girando em torno de três escolhas sendo elas: a leitura de um livro das emoções, uso do baralho das emoções e ou a elaboração de desenho da semana. Ambas foram muito pertinente com os pacientes, pois pode propor um espaço de reconhecimento e nomeação das emoções e sentimentos propriamente ditos, além de auxiliar os infantes a elaborarem as suas vivências, podendo nomear incômodos em um espaço de confiança, aprendendo a compreendê-lo e torná-los funcionais. Era expressando o que estavam sentido e ou sentiam, mas em alguns momentos não sabiam como expor**.** A psicoeducação pode auxiliar nas mudanças comportamentais sociais e emocionais dos sujeitos, desse modo, se valer de metodologias psicoeducativas auxilia no tratamento preventivo e de promoção da saúde mental dos sujeitos (LEMES E NETO, 2017). Machado, Facci e Barroco (2011) trazem uma releitura da obra de Vigotski e afirmam que a teoria aponta as emoções como fenômeno biológico e social, mutável e passível a transformações constantes, desse modo, deve estar em constante regulação em seu desenvolvimento, neste sentido, aponta-se que as emoções são construídas a partir das condições materiais de produção do sujeito.

No decorrer dos atendimentos semanais com alguns pacientes o assunto acerca do desenho construído anteriormente acabavam retornando. Desse modo, alguns chegavam a solicitar que durante as sessões pudessem expressar as suas questões a partir de outras representações ilustradas. A obtenção destas representações junto às descrições das crianças, possibilitou a identificação das figuras maternas e das paternas em dois estilos parentais. Os pais no estilo mais autoritário e menos participativo e as mães no estilo mais permissivo e participativo e menos autoritário. Desse modo, é possível afirmar a evidente ausência paterna na vida dos infantes, Trapp e Andrade (2017) ressalta os prejuízos dessa ausência descrevendo que:

> A falta do pai no ambiente familiar seja por separação conjugal ou abandono pode, portanto, acarretar ou, em certos casos, acentuar algumas dificuldades, principalmente em termos de relacionamento, podendo afetar até mesmo o bem-estar e a saúde

> psíquica da criança ou do adolescente. Pode-se asseverar que as experiências vivenciadas pela criança ou adolescente, tanto no contexto quanto nos outros ambientes nos quais ele está inserido, contribuem diretamente para a sua formação enquanto adulto, sendo que, no âmbito familiar, o indivíduo vai passar por uma série de experiências genuínas em termos de afeto, dor, medo, raiva e inúmeras outras emoções, que possibilitarão um aprendizado essencial para a sua atuação futura.

No decorrer do estágio foi evidenciando-se como estes estilos apresentavam-se de forma mais clara. Analisando as entrevistas de anamnese dos 18 pacientes atendidos, cerca de 15 delas tinham sido respondidas apenas pela mãe, do mesmo modo nas entrevistas de devolutiva ao longo do estágio, apenas 3 pais dos 18 pacientes compareceram junto a mãe e ou responsável legal feminina para devolutiva e também no acompanhamento dos atendimentos com as crianças.

Algumas pesquisas relatam a necessidade da influência direta da parentalidade em aspectos como educação e socialização da criança e/ou adolescente e também como dessa presença, conjunta do pai com a da mãe, influencia no desenvolvimento cognitivo da criança. Menciona-se que há correlação existente entre o comportamento da criança e as atitudes da figura paterna em que pais mais anti-sociais na relação com os filhos possuem infantes mais problemáticos em relação ao comportamento. E, ainda ressaltam que quanto maior o envolvimento e divisão igualitária das atividades entre pai e mãe com a criança, menores são os problemas e barreiras encontradas na relação conjugal (CIA, 2005).

Sendo assim, é evidente que quando um pai possui um estilo parental menos relacional com a criança consequentemente há ocorrência de maiores conflitos no desenvolvimento e comportamento, o que pode interferir diretamente na saúde mental e desenvolvimento psicossocial da criança. Como é o caso dos infantes apresentados neste relato. Durante os atendimentos a ausência paterna era ainda mais reforçada pelas crianças e como ela refletia em sua saúde mental.

Assim como no discurso das crianças, também nas entrevistas de devolutivas observava-se mães que carregavam um sofrimento em tentar suprir aquilo que não era dado pela figura paterna. No discurso das mães os pais apareciam apenas como figuras de autoridade, reforçando mais uma vez, a ocorrência de um estilo parental autoritário e menos participativo para com os infantes. A maioria das mães não tinham o ensino médio completo e, consequentemente, não tiveram muito acesso à educação, nomeiam-se como mulheres do lar e os pais eram quem ocupavam o papel de provedores financeiros. A maioria das famílias viviam de auxílio

governamental e/ou trabalhavam a partir de trabalhos informais, com profissões como auxiliar de pedreiro, movedor de carga, mototaxista, entregador, uber, diarista, etc.

No Brasil, situações como esta são culturalmente vivenciadas, nas discussões sobre papéis de gênero se fala sobre um culto à domesticidade e a maternidade que coloca a função das mulheres como mães e cuidadoras do lar e não as potencializa a sair dessa esfera do patriarcado (SILVA ET AL, 2017). Apesar de dados e pesquisas atuais demonstram algumas mudanças emergentes nestes papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero, o relato das mães demonstravam que elas seriam as responsáveis pela formação moral, educacional, social e afetiva da criança e os pais, na maioria das famílias, vinham aparecendo apenas como provedores financeiros que exerciam este papéis de cobranças com os filhos.

Nas demais devolutivas, este discurso foi apenas se reforçando, evidenciando que apesar das crescentes mudanças culturais, elas se reduzem a um grupo socioeconômico e educacional em específico, assim, as pessoas que não possuem estas melhores condições e privilégios, ainda vivem em contextos de parentalidade com total sobrecarga e dependência afetiva, econômica, social, reforçando a atuação de estilos parentais mais extremos, sendo mais autoritários ou mais permissivos, sem muito equilíbrio, trazendo grandes prejuízos na formação social e educacional dos sujeitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocorrência contínua das questões de gênero e ainda do reflexo da ausência paterna na saúde mental dos infantes, evidencia e corrobora o que é trazido pelas pesquisas. Quando um pai ocupa o lugar deste estilo parental mais autoritário e menos participativo consequentemente irá influenciar no desenvolvimento psíquico e socioafetivo da criança. Do mesmo modo como quando ocupa um lugar, seja pai ou mãe, mais permissivo, a criança acaba sendo negligenciada e adquirindo prejuízos em seu desenvolvimento.

Todavia, é evidenciada a necessidade em que haja equilíbrio e divisão das responsabilidades e que haja participação igualitária dos gêneros na vida do filho, o que seria possível a partir da adesão de um estilo autoritativo, em que há um equilíbrio nas cobranças e afetos para com as crianças, só assim seria possível vivenciar a infância/ adolescência em um espaço e ambiente que propõe melhor conforto e equilíbrio para o desenvolvimento e melhoria da saúde mental. Vale salientar que isso só seria possível se a assistência do sistema também oferecesse espaço para acompanhar os pais, afinal também é necessário cuidar de quem cuida, considerando que esses pais também ficam em sofrimento ao saber que tem filhos com tais

diagnósticos, aos quais eles não possuem conhecimento acerca do manejo e/ou condutas que devem ser seguidas.

Além disso, o presente relato deseja concluir e afirmar a importância de uma experiência extracurricular durante a graduação. É um espaço que possibilita o estudante a se deparar com medos, angústias e limites da atuação, aos quais, dentro da academia, não são mencionados. Desse modo, o estágio extracurricular representou um verdadeiro divisor de águas em minha formação, compreendendo a amplitude da psicologia na prática e a profissional que eu desejo ser, ele representou para além de uma experiência profissional como futura psicóloga, mas também uma grande oportunidade de crescimento pessoal.

6 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR**. 5.ed rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARRAIS, A. da R., & ARAUJO, T. C. C. F. de. **Pré-Natal Psicológico: perspectivas para atuação do psicólogo em saúde materna no Brasil**. Rev. SBPH vol.19 no. 1, Rio de Janeiro. 2016

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 3ed, Porto Alegre; Artmed, 2022

BROCCHI, B. S. & STABAUS L. C. et al. **Importância da paternidade para o desenvolvimento infantil**. Ed. CRV, Curitiba. 2020

CARDOSO, P. de A., FAGUNDES R. R., AMARAL, L. E. F. do & FORMIGA, C. K. M. R. **O papel da tríade família-paciente-terapeuta na reabilitação infantil**. Revista Movimenta, Vol 7, N 3, 2014

CIA, F., CAVALCANTI, L. A. W. & AIELLO, A. L. R. **Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura**. Psicologia Escolar e Educacional, V. 9, N° 2, Pg 225-233. 2005

CÚNICO, S. D. & ARPINI, D. M. **Não Basta gerar, tem que participar? – Um estudo sobre a ausência paterna**. Psicologia: Ciência e Profissão, 34 (1), pg 226 – 241. 2014

DIAMOND, A. (2013). **Executive functions**. Annual Review of Psychology, 64,135–68. https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143750. Sep. 27. PMID: 23020641; PMCID: PMC4084861.

DUTRA, E. **Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade**. Estudos de Psicologia, 9(2), 381-387. 2004

FONTELLES, M. J. et al. **Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa**. Revista paraense de medicina, v. 23, n. 3. 2009

FENSTERSEIFER, L., & WERLANG, B. S. G. **Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas**. 2008

Lei nº 11.788. **Dispõe sobre o estágio de estudantes**. Brasília. 2008. Recuperado em 18 de março de 2023, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm

Lei nº 8.069. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasilia. 1990. Recuperado em 18 de março de 2023, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

LEMES, C. B. & NETO, J. O. **Aplicações da Psicoeducação no contexto da Saúde**. Temas em Psicologia, vl. 24, n°1 17-28. 2017

LINS, Z. M. B., SALOMÃO, N. M. R., LINS, S. L. B., FÉRES-CARNEIRO, T., & EBERHARDT, A. C. **O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos**. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Revista da SPAGESP, 16(1), 43-59. 2015

LOPES, Y. de J. **O laudodiagnóstico e as técnicas projetivas como instrumento psicoterapêutico**. Psicologia.PT: o portal dos psicólogos. 2018

MIGUEL, F. K. **Mitos e verdades de técnicas projetivas**. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 19, n. 1, p. 97-106, jan./abril 2014

MACHADO, L. V., FACCI, M. G. D. & BARROCO, S. M. S. **Teoria das Emoções em Vigotski**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 4, p. 647-657, out./dez. 2011

MALDONADO, M. T. **Comunicação Entre Pais e Filhos: A linguagem do sentir.** 4ed. Vozes. Petrópolis, 1986

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

OLIVEIRA, N. H. & BENETTI, S. P.C. **Aliança terapêutica: estabelecimento, manutenção e rupturas da relação**. Arq. bras. psicol. vol.67 no.3 Rio de Janeiro. 2015

OSÓRIO, S., SANTANA, A. N. de, & MELO, M. R. A. **Funções executivas em crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem**. Ciências & Cognição, 26(2). 370-386. 2021

SILVA, F. R. S., MONTENEGRO, R. D. & SANTOS, S. R. **Gênero e identidades sexuais práticas e representações sociais.** Universidade Federal de Campina Grande. 2011

SILVA, M. S. B., OLIVEIRA, C. & SERRANO, L. C. A. **Acolhimento e escuta no processo de trabalho da alta qualificada**. Unaerp, vol.3, 3°ed. 2017

SANTOS, A. S. dos. **Oficinas Pedagógicas técnica de contação de história**. Instituto Saber – Revista Científica. 2018

SANTOS, J. L. F., FONSÊCA, P. N., BRASILEIRO, T. C., ANDRADE, P. O., FREITAS, N. B. C. **A Relação entre os Estilos Parentais e o Engajamento Escola**. Temas em Psicologia, Vol. 22, nº 4, 759-769. 2014

SCHMIDT, C. & BOSA, C. **Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 59, n. 2. 2007

THIENGO, D. L., CAVALCANTI, M. T. & LOVISI, G. M. **Prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes e fatores associados: uma revisão sistemática**. Revisões de Literatura. J. bras. psiquiatr. 63 (4). Oct-Dec 2014

TUDGE, J., HAYES, S., DOUCET, F., ODERO, D., KULAKOVA, N., TAMMEVESKI, P., MELTSAS, M., & LEE, S. **Parents' participation in cultural practices with their preschoolers.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16, 1-22. 2000

TRAPP, E. H. H. & ANDRADE, R. DE S. **As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos**. Revista Ciencia contemporânea. V. 2, n°1, p. 45-53. 2017

WEBER, L. N. D., PRADO, P. M., VIEZZER, A. P. & BRANDENBURG, O. J. **Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(3), pp.323-331. 2014